

**Revista de Literatura,  
História e Memória**



Seção: Pesquisa em Letras no contexto  
Latino-americano e Literatura, Ensino e  
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 26 - 2019

UNIOESTE/CASCADEL - P. 07-25

**A LITERATURA TRANSGRESSORA DE ALUÍSIO  
AZEVEDO: A RECEPÇÃO DO NATURALISMO NO  
BRASIL: REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS**

**Aluísio Azevedo's transgressive literature: the reception of  
naturalism in brazil: historiographical reflections**

Raick de Jesus Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** O Naturalismo foi um amplo movimento intelectual que marcou presença nas artes, na política e nas ciências naturais e sociais. O precursor desse movimento na literatura nacional foi o maranhense Aluísio Azevedo que a partir de suas narrativas buscou retratar a realidade do povo brasileiro, sobretudo a vida cotidiana dos grupos marginalizados e explorados. O objetivo deste artigo é problematizar a recepção do Naturalismo no Brasil a partir da produção literária de Aluísio Azevedo, tendo como pano de fundo as enormes transformações sociais e culturais da segunda metade do

século XIX que modificaram a face do Brasil. Uma das premissas iniciais que gostaremos de sustentar é que tanto as bases metodológicas e estéticas da escola *naturalista* quanto o estilo narrativo aluisiano apresentam características subversivas aos padrões sociais e culturais vigentes no Oitocentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aluísio Azevedo; Naturalismo; Brasil Imperial.

**ABSTRACT:** Naturalism was a broad intellectual movement that was present in the arts, politics and the natural and social sciences. The forerunner of this movement in national literature was maranhense Aluísio Azevedo, who from his narratives sought to portray the reality of the Brazilian people, especially the daily life of marginalized and exploited groups. The purpose of this article is to discuss the reception of Naturalism in Brazil from the literary production of Aluísio Azevedo, in the context of the social and cultural transformations of the second half of the 19th century in Brazil. One of the initial premises that we would like to argue is that both the methodological and aesthetic foundations of the naturalist school and the Aluisian narrative style have subversive characteristics to the social and cultural patrons that prevailed in the nineteenth century.

**KEYWORDS:** Aluísio Azevedo; Naturalism; Imperial Brazil.

O Naturalismo foi um amplo movimento intelectual que surgiu na Europa durante a segunda metade do século XIX e que rapidamente se expandiu por todo o mundo ocidental. Marcou presença na literatura, nas artes plásticas e no teatro, mas também extrapolou suas fronteiras e passou a compor o panorama das ciências naturais e sociais. O objetivo central desta discussão é avaliar a recepção do movimento *naturalista* no Brasil a partir da produção intelectual do escritor maranhense Aluísio Azevedo.

Esperamos contribuir com os estudos que analisaram a produção literária de Aluísio

<sup>1</sup> Mestre em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ; Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. [raickdjs@hotmail.com](mailto:raickdjs@hotmail.com).

Azevedo e o contexto intelectual no qual esteve inserido, em especial, com relação aos grupos ligados à recepção do Naturalismo no Brasil.

## VIDA, OBRA E CONTEXTO SOCIAL DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Azevedo (1857-1913) ingressou antes dos vinte anos de idade na imprensa periódica e foi um dos mais ferrenhos defensores da profissionalização da carreira literária no país. É considerado um dos primeiros intelectuais brasileiros a viver por um longo período de sua vida apenas dos ganhos obtidos a partir de sua criação intelectual. Sua produção literária está situada entre os últimos anos do Império e os primeiros anos da República no Brasil. Foi responsável pela elaboração de diversos romances, peças teatrais, contos, crônicas e caricaturas. É consenso entre os seus estudiosos o pioneirismo do escritor maranhense em introduzir na literatura brasileira a estética e os preceitos da escola *naturalista* (CANDIDO, 1976; MÉRIAN, 1988; MONTELLO, 1975).

A participação de Aluísio Azevedo na vida intelectual brasileira, sobretudo, suas contribuições para a imprensa periódica, demonstrou seu engajamento no processo de recepção das “novas ideias” (ALONSO, 2002; DOMINGUES *et al.* 2003; GUALTIERI, 2003; SÁ, 2006). Seus anos de atuação na imprensa nacional foram de 1878 a 1895 e sua periodicidade foi bastante irregular, tendo estado ligado aos principais jornais da capital federal entre os anos de 1881 e 1895. Foi durante esse mesmo período que o autor produziu uma série de trabalhos em que fez uso das ideias evolucionistas, sobretudo, aquelas ligadas ao pensamento de Charles Darwin e Herbert Spencer.

Segundo um dos biógrafos de Aluísio Azevedo, Jean-Yves Mérian, desde os anos de 1880-1881, o escritor maranhense dava provas de um conhecimento relativamente extenso das teorias filosóficas e científicas em voga no Brasil, dissertando na imprensa sobre Taine, Darwin, Comte e Spencer. Porém, esses exercícios acadêmicos não provam, segundo seu biógrafo, que ele tenha tido um conhecimento profundo dessas obras, mas, sim, noções suficientemente precisas para expor seus pensamentos com relação a determinados assuntos. Seu intérprete ainda lamenta o fato de Aluísio Azevedo não ter continuado a compor crônicas após os anos de 1881, o que possibilitaria acompanhar, no plano filosófico, sua “evolução” nesse debate (MÉRIAN, 1988, p. 523).

Em um estudo destinado a investigar a história cultural e as polêmicas literárias brasileiras, Roberto Ventura (1991) argumentou que, no Brasil, em especial no Rio de Janeiro <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

Raick de Jesus Souza

na segunda metade do século XIX, foram discutidas ideias positivistas, antiabsolutistas e antiescravistas. Logo, no caso brasileiro, o Naturalismo e o cientificismo tiveram papel semelhante à Ilustração na Europa no século XVIII, ao trazer um saber secular e temporal, afastado das concepções religiosas. Nessa esteira, diversos evolucionismos apareceram como correntes filosóficas discutidas entre os homens de letras.

A literatura e a cultura brasileira se transformaram na segunda metade do século XIX com a recepção de modelos europeus, como a história natural e a etnologia, que forneceram instrumentos para a interpretação da *natureza tropical* e das *raças e culturas brasileiras*. Foi adaptada a “visão” de *naturalistas*, etnólogos e viajantes estrangeiros sobre o Brasil e a América do Sul. A etnologia assumiu configurações específicas, vinculadas ao racismo, cientificismo, positivismo, evolucionismo e naturalismo. Esses paradigmas foram introduzidos, a partir de 1870, tendo como referência o debate romântico sobre os fundamentos da literatura e da cultura brasileira, em oposição ao passado colonial. [...] Os estudos de Darwin sobre as formas de vida e a luta pela sobrevivência foram lidos e discutidos no Brasil. Debatiam-se a origem das espécies, as leis da evolução e suas possíveis aplicações à literatura, à cultura e à sociedade. Nas polêmicas, os letrados lutavam por suas ideias e grupos, pela “sobrevivência” ou “morte” na cena da literatura e do jornalismo. Época de escritores combativos, de polemistas irados, de bacharéis em luta (VENTURA, 1991, p. 12-13).

Analisando a trajetória de críticos literários contemporâneos e amigos pessoais de Aluísio Azevedo como Araripe Junior e Sílvio Romero, Ventura (1991) afirmou que o nacionalismo literário do século XIX apresentava um forte componente eurocêntrico, apesar das reivindicações de autonomia e originalidade. A incorporação das ideias civilizacionistas e de teorias ambientais e raciais levou a uma relação eurocêntrica com o meio local e a uma abordagem etnocêntrica das culturas populacionais ao topo das discussões. Os críticos, e também os literatos brasileiros, internalizaram a ambivalência do discurso europeu perante o mundo selvagem e as realidades exóticas, idealizando os padrões metropolitanos de civilização. Produziu-se assim, a partir da idealização das metrópoles, um tipo de *auto-exotismo*, em que o intelectual “periférico” percebia a realidade que o cercava enquanto “exótica”. O exotismo permitiu, por um lado, o distanciamento ante os costumes da própria sociedade e a adoção de um olhar antropológico em suas interpretações. Por outro, introduziu negatividade em suas auto-representações – visões etnocêntricas das culturas populares africanas, indígenas e mestiças. A teoria da desigualdade das raças se difundiu no Brasil juntamente com os ideais positivistas, cientificistas e evolucionistas, em especial, nas últimas três décadas do século XIX. Em um ensaio clássico e largamente difundido no Brasil, Gobineau inverteu a imagem do

*homem natural* formulada por J-J Rousseau. Gobineau naturalizou as diferenças, que fundamentou em fatores étnicos e traços inatos. Porém, sua repercussão não se deu como a de outros naturalistas, que tiveram maior aceitação entre os letrados brasileiros. Foi através das obras de Gobineau, André Retzius, Lapouge, Fouillée, Büchner, Gustave le Bon e Herbert Spencer, que as ideias raciais integrou-se ao cientificismo e ao ideário racialista corrente entre os intelectuais brasileiros de *fin de siècle* XIX.

As teorias racistas se ligaram aos interesses dos grupos letrados de se diferenciar da massa popular, cujas formas de cultura e religião eram depreciadas como atávicas, atrasadas ou degeneradas. A teoria racista não exprimiu, portanto, apenas interesses colonialistas e imperialistas, já que se articulava aos interesses dos grupos nacionais identificados à modernidade ocidental. O racismo e o liberalismo foram redefinidos no Brasil, o que torna problemática as colocações de Roberto Schwarz sobre as “ideias fora do lugar”, ou as de “atraso” e “reflexo cultural”, propostas por Dante Moreira Leite e Nelson Werneck Sodré. Essas posições privilegiam a divergência entre o local e o importado, ao deixar, em segundo plano, o *reajuste* dos modelos europeus às condições locais (VENTURA, 1991, p. 58-59).

As consequências desses reajustes, ainda segundo Ventura (1991), foram: a proclamada inferioridade racial dos elementos não-brancos e a construção de inúmeros projetos para a civilização brasileira a partir da concepção de progresso social – alicerçado na superação dos problemas raciais, políticos e ideológicos.

Foi durante esse período que o movimento *naturalista* adentrou o campo intelectual brasileiro. O Naturalismo é um amplo movimento artístico, marcado pela estética da exposição do mundo real a partir do que é observável e experimentável. É considerado como o ápice do movimento *Realista* dada a sua exacerbação descritiva da vida cotidiana, sobretudo, dos temas considerados inadequados pelo movimento *Romântico*. Marcou presença na literatura, na pintura, na música, no teatro, nas artes plásticas e na produção científica. No Brasil, dois foram os principais modelos divulgados e acolhidos, a saber: o francês, em especial a partir dos trabalhos de Émile Zola – inspirado pelo modelo de medicina experimental proposto pelo médico também francês Claude Bernard –; e, o português, em especial a partir dos trabalhos do português Eça de Queiros, que tinha no modelo francês sua fonte de inspiração. As diretrizes estéticas e metodológicas desse movimento eram a de que a literatura devia se empenhar em produzir relatos pretensamente fiéis da realidade observada a partir da experimentação. Partindo da descrição do mundo real e da observação da ação das leis gerais que regem o cosmo, o literato deveria transpor para o romance os fatos tais como ocorrido, com o intuito não apenas

de entreter, mas também de educar seus leitores às ciências naturais e positivas (CANDIDO, 1975). Com relação à estreita ligação entre o *Evolucionismo* e o Naturalismo, segundo Haroldo Sereza (2012), assim como na Europa, as ideias evolucionistas no Brasil encontraram terreno propício para se disseminar a partir do movimento *naturalista*, em especial a partir da literatura ficcional.

Ainda de acordo com Sereza (2012), o Naturalismo proporcionou, a partir da utilização de seu método experimental, a inclusão do proletariado e dos marginalizados pelo capitalismo na obra de arte. O autor defendeu que o Naturalismo é fundamentado na clara oposição ao *Romantismo* – especialmente em seu privilégio da exposição do cotidiano burguês. Em seu estudo o autor demonstrou como a estética *naturalista* foi recepcionada e ajustada pelos intelectuais brasileiros durante a segunda metade do século XIX e como esses reajustes produziram entre nós um novo tipo de estética, capaz de amalgamar os preceitos de sua matriz com as condições locais das letras e da sociedade brasileira.

No campo da literatura ficcional compuseram-se importantes trabalhos que nos possibilitam pensar as recepções das “novas ideias”. Dentre eles, destacam-se os textos produzidos pelo escritor maranhense Aluísio Azevedo. Livros como *O mulato* (1881; 1889),<sup>2</sup> *Casa de pensão* (1884), *O homem* (1887), *O cortiço* (1890) e *O livro de uma sogra* (1895) são consideradas obras de estética *naturalista* que, em seu bojo, discutiram os principais temas ligados ao pensamento evolucionista, em especial, àqueles relacionados com o meio, a raça, a hereditariedade e a *luta pela existência*. Entre o *Romantismo* e o *Naturalismo*, o escritor maranhense produziu narrativas que rompem com os padrões estéticos e morais estabelecidos no contexto imperial e no emergente republicano.

O romance *O mulato*, por exemplo, foi publicado pela primeira vez em 1881 na cidade de São Luiz do Maranhão e desde que veio à baila sofreu uma série de críticas por parte de críticos literários e membros do clero provinciano. Foi o segundo trabalho da carreira literária do escritor maranhense. A obra narra as desventuras amorosas do Dr. Raimundo (mulato) e sua prima Ana Rosa (branca). Esta é considerada a primeira obra *naturalista* produzida no Brasil e um dos primeiros romances a tratar entre nós, dos horrores da escravidão. A segunda versão da obra foi publicada em 1889 e como apontam alguns de seus investigadores, sofreu sensíveis alterações quanto o seu conteúdo – sobretudo uma clara depuração das reminiscências da

---

<sup>2</sup> Esta obra conheceu duas versões, a primeira foi publicada em São Luís do Maranhão em 1881 e a segunda no Rio de Janeiro, com sensíveis alterações em 1889.

estética romântica presente ainda na primeira versão (CANDIDO, 1976; MÉRIAN, 1988). Nas entrelinhas desse romance é possível percebermos a ácida crítica feita à sociedade maranhense, especialmente no que diz respeito a conduta moral do clero provincial.

A trajetória de Aluísio Azevedo está indelevelmente marcada pela oposição as antigas instituições: a escravidão, a monarquia bragantina e a Igreja Católica. Em seus diversos romances é possível percebermos a insatisfação do escritor maranhense para com os representantes dessas instituições: fazendeiros, clérigos e administradores públicos.

Durante a década de 1880 Aluísio Azevedo viveu de forma seminômade entre sua província natal e a cidade do Rio de Janeiro – Corte Imperial – onde já morava o seu irmão, Arthur Azevedo.<sup>3</sup> Foi na capital fluminense onde o escritor maranhense encontrou terreno propício para adentrar no campo jornalístico e foi de fato a tessitura social dessa cidade que lhes serviu de objeto para muitos de seus enredos.

#### *O CORTIÇO* COMO A OBRA QUE MELHOR TRADUZIR O ESPÍRITO DO NATURALISMO LITERÁRIO NO BRASIL

O romance *O cortiço* foi publicado pela primeira vez em 1890 pela editora Garnier e como apontam às diversas críticas literárias contemporâneas ao autor, recebeu boa acolhida do público, sendo caracterizado como um dos mais expressivos e bem-acabados romances do gênero *naturalista* escrito em terras brasileiras, sobretudo, pelo método experimental e observacional adotado em sua composição. De acordo com os preceitos estéticos do Naturalismo, propostos por Émile Zola, no qual o escritor maranhense se inspirou, ao romancista experimentador não cabia assumir uma posição, mas sim ler a realidade a partir das diretrizes científicas. Em *O cortiço*, os postulados científicos são incorporados à narrativa ficcional, a fim de proporcioná-la chaves interpretativas para a compreensão das diversas transformações pela qual passavam a sociedade carioca. A realidade objetivada seria alcançada, desta forma, na incorporação seletiva e ressignificação dos fundamentos científicos. Ou seja, a ciência estava a serviço do romance ficcional, e não o contrário. Vale ressaltar que não era pretensão do autor compor um tratado científico, porém, é notória a presença de diversas concepções científicas em sua narrativa ficcional, não apenas a partir das falas de seu narrador como também nas diversas trajetórias individuais de suas personagens.

Em *O cortiço* são narradas as trajetórias de diversos personagens que moram em um

---

<sup>3</sup> Poeta, dramaturgo, contista e jornalista brasileiro (1855-1908). Ver: Jean Yves-Mérian (1988).

conjunto habitacional típico do final do século XIX no Brasil, sobretudo, nas poucas grandes cidades espalhadas pelo país e que eram especializadas na oferta de serviços.<sup>4</sup> Figuram entre os seus principais temas as más condições de vida das camadas mais pobres, sobretudo, o proletariado urbano do Rio de Janeiro; bem como os supostos hábitos corrompidos da emergente burguesia urbana, representado pelas personagens que habitavam o sobrado nas imediações da vila.

Uma das características mais interessantes dessa obra é demonstrar a partir da representação do cotidiano dos moradores do cortiço e do sobrado, as enormes transformações sociais pelas quais passavam o Brasil de fins do século XIX, especialmente a capital federal com o seu crescimento exponencial.<sup>5</sup> A expansão da malha urbana sem planejamento levou a um aumento paulatino pela busca por habitações, e a enorme concentração populacional, localizada especialmente nas regiões centrais, fizeram com o que os problemas ligados a higiene e a saúde pública se alastrassem de forma vertiginosa (CHALHOUB, 2017). Nesse romance, a fina ironia que adota para tratar das trajetórias de suas personagens, mostra o caráter subversivo do autor, ao apresentar de forma clara as diversas adversidades a que estavam expostos os extratos sociais mais baixos da sociedade e a corrupção moral dos membros mais abastados.

Percebemos que muito se discutiu até agora sobre o caráter documental desse romance para a compreensão da sociedade carioca, em especial, dos modos de vida do proletariado urbano e da burguesia ascendente de fins do século XIX. Optamos pelo diálogo com alguns destes trabalhos historiográficos, a fim de demonstrar a enorme complexidade de enquadramentos realizados e a posição em que nos situamos nesse debate. Desde que apareceu, o livro *O cortiço* despertou uma série de críticas que buscaram enquadrar e compreender a disposição e os significados dos seus temas, as suas filiações teórico-metodológicas, as críticas referentes à sociedade carioca e a relação com o período no qual foi gestado. Importantes nomes

---

<sup>4</sup> Os cortiços são apresentados na literatura da época como habitações precárias, muitas vezes de um único cômodo, que eram geralmente divididos por um número irregular de moradores, nem sempre oriundos do mesmo grupo familiar. Tornou-se mais comum durante a ocupação dos centros urbanos na segunda metade do século XIX, sendo a sua origem anterior a este período. Para mais detalhes sobre a historicidade desse tipo de habitação na cidade do Rio de Janeiro, favor consultar o trabalho de Sidney Chalhoub, *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial* (2017).

<sup>5</sup> Segundo as estimativas propostas por José Murilo de Carvalho (1987), vê-se que nas últimas décadas que precederam a instalação da República, apresenta-se um crescimento populacional relativo. Em termos absolutos a população quase dobrou entre os anos de 1850 e 1889, passando de um total de 266 mil almas em 1872 para 522 mil almas em 1890. A cidade ainda teve que absorver um contingente populacional superior a 200 mil novos habitantes nas últimas décadas do século XIX. Só no ano de 1891 entraram 166.321 imigrantes, tendo saído para os estados da região centro-su 171.264. Este enorme fluxo populacional fazia com que, em 1890, 28,7% da população carioca fosse de origem estrangeira, enquanto que 26% de sua população havia nascido em outras partes do país. Ou seja, apenas 45% era nascida na cidade (CARVALHO, 1987:16-17).

das ciências sociais analisaram a obra e a trajetória de Aluísio Azevedo, buscando compreender em alguns casos suas “intencionalidades” na criação de suas personagens. Diversos ensaios, capítulos de livros, biografias de vida e intelectual, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos ratificaram o valor que este romance tem na compreensão dos hábitos da sociedade carioca da época, bem como com relação às ciências em voga no período e à recepção das “novas correntes de pensamento” em circulação entre o Velho e o Novo Mundo na literatura nacional.

Gilberto Freyre (1900-1987), em *Sobrados e Mucambos* (1936) afirmou que *O cortiço* seria um retrato disfarçado em romance que é menos ficção literária que documentação sociológica de uma fase e de um aspecto característico da formação brasileira. Mesmo não tendo feito uma análise mais aprofundada sobre a obra ou a trajetória do escritor maranhense, o sociólogo pernambucano ressaltou o caráter documental e a diversidade de estratos sociais presentes na narrativa aluisiana.

Na literatura sobre *O cortiço*, notamos importante atenção devotada à análise da concepção erótica e sexual (BEZERRA, 2012; CHAPSKI, 2014; NASCIMENTO, 2010; SEREZA, 2012; TADDEI, 2007). Uma das facetas mais exploradas na literatura de tipo *naturalista*, segundo esses autores arrolados, são certamente as relações sexuais e o erotismo dos estratos mais pobres da sociedade. Outro objeto de interesse foi certamente a formação e a composição dos núcleos familiares. A pluralidade dos agrupamentos familiares, sua formação e dissolução na narrativa ficcional apontam para uma leitura que complexificava as relações sociais compartilhadas pelos inúmeros moradores do cortiço e do sobrado, que se localizava nas imediações, e onde vivia a família nuclear tipicamente burguesa (FERREIRA, 2012; ROCHA, 2009). Ambos os espaços são encarados como antagônicos, na obra de Aluísio Azevedo, segundo esses últimos dois autores arrolados. De acordo com os mesmos, ao longo da obra, é possível entrever que, de um lado, predomina o nuclear, o estável e o homogêneo; e, do outro, o plural, o complexo e o heterogêneo.

Interessantes são os estudos que exploram a ascensão social, sobretudo, dos homens e dos imigrantes europeus no interior de *O cortiço* (GALVÃO, 2015; MATTOS, 2014; SCHIFFNER, 2014). Segundo os autores listados, na obra discutiram-se questões como a nacionalidade, o gênero, a raça e as condições de adaptação às transformações pelas quais passavam o Brasil na virada do século XIX ao XX. Ainda de acordo com os investigadores, predominou na narrativa aluisiana a concepção de competição pela ascensão.

Temas muito bem explorados em investigações históricas foram a pobreza e as péssimas



condições de vidas dos marginalizados (BAHIA, 2012; JODAS, 2016). Esses estudos abordaram o processo de exploração do trabalho, as estratégias de ascensão e os diversos dilemas enfrentados pelos estratos sociais mais baixos da sociedade carioca, representados a partir da narrativa ficcional aluisiana, na sua luta pela manutenção da vida. Figuram nessa turva os desempregados, os pretos, os libertos, os imigrantes pobres e os brasileiros “sem classe”.

Antônio Candido (1918-2017) defendeu que o tema central escolhido por Aluísio Azevedo em *O cortiço* foi caracterizar o processo de acumulação de capital. Demonstrou ao longo de seus trabalhos *A passagem do dois ao três (contribuições para o estudo das mediações na análise literária)* (1976) e *De cortiço a cortiço* (1991) que, a partir da análise das trajetórias individuais das personagens de *O cortiço* é possível encontrarmos a primeira caracterização feita na literatura nacional sobre o processo de acumulação de riqueza no Brasil. O seu primeiro trabalho, *Dos dois aos três...*, foi produzido como questionamento ao método estruturante proposto por Affonso Romano de Sant’Anna, em seu estudo *Análise Estrutural de romances brasileiros*, publicado no ano de 1973, no qual um dos romances analisados foi exatamente *O cortiço*. De acordo com Sant’Anna (1973), *O cortiço* é estruturado do início ao fim por duas ciências: a biologia e a termodinâmica. Ainda de acordo com o autor, a obra era inteiramente pautada pelos postulados científicos de Darwin, Huxley, Spencer e outros intelectuais ligados ao movimento evolucionista. E concluiu que sua organização era extremamente simples, contendo apenas uma clara oposição entre o simples e o complexo, entre o cortiço e o prédio, entre o branco e o preto, entre o brasileiro e o estrangeiro, entre a mulher e o homem e entre o escravo e o livre. Como apontou Haroldo Sereza (2012), desde o seu título, a proposta metodológica de Antonio Candido é superar o modelo dicotômico apresentado por Sant’Anna e lançar mão do modelo dialético para explicar a complexidade e originalidade de Aluísio Azevedo. Para Antonio Candido, encontramos não apenas o binário, oposto e contraditório, mas também o complexo, o plural e o uniforme na obra de Aluísio Azevedo (homem-mulher, cortiço-sobrado-rua e livre-escravo-miserável).

Antônio Candido, em seu estudo proferido em 1974 e publicado dois anos depois, não negou totalmente o método estruturalista proposto por Sant’Anna, o que buscou foi, a partir da crítica, refinar o método, reafirmando a oposição existente na obra de Aluísio Azevedo do branco *versus* homem de cor e homem *versus* mulher. Foi apenas no ano de 1991, em *De cortiço a cortiço*, que Antônio Candido se afastou totalmente do modelo estrutural para propor uma

análise comparada da obra *O cortiço* com *L'assommoir* de Émile Zola.<sup>6</sup>

Antônio Candido, ao esquadrihar a obra aluisiana, afirmou que “[...] embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal” (CANDIDO, 1991, p. 111).<sup>7</sup> Entender as *razões* e os núcleos de significados foi o que pretendeu o autor ao analisar *O cortiço*. Em seu estudo adotou a exposição do *estilo* antes da análise hermenêutica da obra, a fim de perceber o que chamou de “diferenciações” e “indiferenciação” com relação às influências de *L'assommoir* de Émile Zola. As conclusões a que chegou Antônio Candido apontam para o caráter crítico adotado por Aluísio Azevedo na representação das diversas classes sociais em oposição. Assim, o crítico literário construiu um esquema explicativo que supõe apreender o núcleo temático da obra:

N'*O cortiço* está presente o mundo do trabalho, do lucro, da competição, da exploração econômica visível, que dissolvem a fábula e sua intemporalidade. Por isso falei aqui em jogo do espontâneo e do dirigido, concebidos, não como pares antinômicos, mas como momentos de um processo que sintetiza os elementos antitéticos. Espontâneo — mais como tendência, ou como organização difusa, à maneira da sociabilidade inicial do cortiço, fortemente marcada pelo espírito livre do grupo. Dirigido — que é a atuação de um projeto racional (CANDIDO, 1991, p. 128).

Mesmo reconhecendo o enorme valor que os estudos de Antônio Candido representam para a História e para a Crítica Literária, e as especificidades teóricas e metodológicas de sua abordagem, pretendemos, em diálogo com a sua interpretação, argumentar que os usos que Aluísio Azevedo fez das ideias evolucionistas, em especial, da ideia de *luta pela existência*, nos permitem ver a *luta de classes*, mas também as diversas outras disputas existentes no interior da obra. Acreditamos que o eixo temático da obra não esteja apenas na discussão em torno do mundo econômico. Defendemos ser *O cortiço* uma obra marcada pelo hibridismo, na qual foi possível amalgamar diversas disputas e transformações sociais para sua composição. Com relação aos eixos temáticos da obra, esperamos nesta argumentação contribuir com essa discussão, aprofundando os estudos iniciados por Antônio Candido em torno da obra aluisiana.

Monica da Silva Barbosa em sua dissertação de mestrado em Literatura Inglesa,

---

<sup>6</sup> Para uma discussão mais detalhada entre as duas, favor consultar também: Monte (2012).

<sup>7</sup> CANDIDO, Antônio. *De cortiço a cortiço*. São Paulo: Novos Estudos. Nº 30, Ano. 1991. P. 111-129. Esse capítulo foi baseado em outros trabalhos: "Literatura-Sociologia: A análise de O Cortiço de Aluísio Azevedo", Prática de Interpretação Textual, Série Letras e Artes, Caderno nº 28, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1976; "A Passagem dos Dois aos Três (Contribuição para o estudo das mediações na análise literária)", Revista de História, nº 100, São Paulo, 1974 (data correspondente à seriação em atraso; na verdade, publicada em 1976).

defendida em 1981, na UFPR, intitulada *O Naturalismo em O cortiço de Aluísio Azevedo e Maggie de Stephen Crane*, buscou realizar uma análise comparada das duas obras, enfatizando as especificidades da recepção do movimento *naturalista* no Brasil e nos Estados Unidos. Concluiu a autora que em ambos os casos é possível perceber um forte teor evolucionista, porém, o modelo brasileiro parece ter se pautado em uma visão mais “instintiva”, sobretudo, a partir dos estudos de Charles Darwin, enquanto que, no caso estadunidense, é possível perceber a utilização do modelo de *Darwinismo Social* a partir dos estudos de Herbert Spencer, entretanto, com tonalidades de um forte puritanismo.

Concordamos em partes com os argumentos da autora, sobretudo no que diz respeito ao ambiente intelectual do século XIX, porém, estamos em desacordo no que se refere à visão evolucionista adotada por Aluísio Azevedo. O que percebemos a partir da análise de *O mulato* (1889) e *O cortiço* (1890) é um forte hibridismo, o que lhe permitiu amalgamar as ideias propostas por Darwin e Spencer, mesmo quando fossem contraditórias entre os seus criadores.

Embasado na proposta metodológica de Antônio Candido, bem como, pela literatura dos clássicos do pensamento marxista, Vinícius Pereira Bezerra (2012) afirmou que “a resignificação simbólica no romance indica um nível de apreensão da realidade mais adiante às fulgurações ideológicas, e descuidar disto seria laborar em franco erro heurístico” (BEZERRA, 2012, p. 91). Seu objetivo principal foi analisar a correlação existente entre a sexualidade e os espaços, em especial, os espaços coletivos, urbanos e marginalizados. Sua investigação estabeleceu um paralelo entre a vida sexual das personagens da obra com as transformações sociais colocadas em curso na segunda metade do século XIX a partir do processo de modernização espacial. Buscou, assim, encarar a obra como autônoma de seu contexto histórico, sem perder de vista os diversos indícios que apontam para a coerência com o contexto social no qual a mesma foi produzida. O autor reafirmou a necessidade da antecedência da exposição do *estilo* em detrimento do *conteúdo* da obra.

Amanda Servidoni Jodas (2016), em sua dissertação de mestrado em história defendida na UNICAMP, argumentou que, na análise de *O cortiço*, as relações econômicas devem ser consideradas como importantes para a compreensão de sua narrativa literária, porém, não devem ocupar o papel de elemento único de transformação e desenvolvimento da trama. Se observadas em conjunto com as demais relações existentes no romance (relações de poder, de gênero, de trabalho, de raça, de níveis sociais diversos), as condições econômicas oferecem uma interpretação mais complexa a respeito da composição das diferentes camadas sociais, de seus comportamentos, das trocas que realizavam entre si e da posição que assumiam como

vencidos, vencedores ou meros sobreviventes do processo de acumulação do capital e dos novos caminhos traçados a partir das relações impostas pelo trabalho assalariado na Corte Imperial em fins do século XIX (JODAS, 2016, p. 16).

Daniela Soares dos Santos, por sua vez, em sua dissertação de mestrado em História, *Estudo de um projeto de nação para o Brasil de fins do século XIX a partir da leitura dos romances publicados por Aluísio Azevedo entre 1881 e 1895* (2007), buscou compreender e discutir o uso da literatura como prática política na sociedade carioca de fins do século XIX. Dessa forma, utilizou-se dos romances *O Mulato* (1881), *O Cortiço* (1890), *Casa de Pensão* (1884), *O Homem* (1887), *O Coruja* (1890) e *Livro de Uma Sogra* (1895), procurando identificar nessas obras as concepções do autor sobre as questões ligadas à higiene, à habitação popular e à medicina. Diante o envolvimento dos intelectuais do período com os ideais higienistas e modernistas, identificou e discutiu o projeto social e literário para o Brasil proposto por Aluísio Azevedo. Defendeu a autora que, nesse contexto de intensas transformações sociais, o literato fez da literatura uma prática política, difundindo seu projeto político-social através de suas obras, destacando-se do seu grupo devido às duras críticas sociais e às sátiras que produziu aos excessos cometidos pelas autoridades “em nome da ciência” e “da moral”. Com relação à cidade do Rio de Janeiro de fins do século XIX, afirmou que, no conjunto da sua obra, predominou uma ideologia modernizadora permeada por uma fina ironia que expõe as mazelas dessa cidade, de um projeto social traçado para ela e de quem eram os seus idealizadores. Porém, segundo Daniela Santos, ao mesmo tempo em que propõe e partilha de um ideal modernizador proposto por seus pares, o autor criticou e ironizou este mesmo projeto e seus resultados – ou a falta deles – frente aos problemas concretos, o que se revelou nas aparentes ambiguidades de sua obra e em exposições que chegam a ser contraditórias com relação a temas centrais. Afirmou ainda que, apesar das descrições e opiniões estarem “filtradas” pela visão do autor e comprometidas com seus objetivos, sua obra dá vida a um complexo debate e aos interesses em jogo dentro do pretense projeto de modernização da sociedade carioca, e do próprio país como um todo, dada a corrente ideia do Rio de Janeiro como um polo irradiador de “cultura e civilização”.

De acordo com a autora, a “República” tão esperada pelo literato, no entanto, revelou novas contradições no seio da sociedade carioca e acentuou antigas. A reforma dos costumes e a “formação de almas” associadas às ideias higienistas foram então adotadas como novas estratégias de “guerra”. Se era preciso reformar a sociedade, o primeiro passo deveria ser a modificação dos costumes e a destruição dos meios propícios ao surgimento dos problemas

físicos e morais. O ideal de nação passou a cristalizar-se então no combate aos “signos do atraso”, sobretudo as habitações populares, estando Aluísio Azevedo sintonizado com esse discurso. Santos ainda argumentou que Aluísio Azevedo utilizou suas obras também com o intuito da exemplaridade. Abusando dos preceitos *naturalistas* da hereditariedade e da influência do meio sobre o indivíduo, o autor escancarou para a população carioca os seus “problemas”, utilizando-se de suas obras e personagens para exemplificar tudo que deveria ser combatido em favor de uma educação melhor, uma ciência isenta e uma cidade higienizada, na construção do “homem higiênico” que habitaria a nova urbe renovada, “civilizada” e moderna. Concluiu, entretanto, que, para o pobre urbano, desalojado, desempregado, doente e sem grandes possibilidades de passear pelas novas e modernas avenidas de nomes e feições francesas, só restavam as consequências da agudização da crise sanitária e habitacional acarretada pelas reformas físicas da cidade. A destruição dos supostos “ícones do atraso”, para a construção da cidade civilizada que rumava ao progresso e deslumbrava as elites, deixou milhares de trabalhadores e desempregados desalojados e outros tantos em habitações cada vez mais precárias e insalubres. As tentativas de transformação do “país das maravilhas” através da “cidade maravilhosa”, seu cartão de visitas, acabaria oferecendo condições para a criação das primeiras favelas.<sup>8</sup> Defendeu a autora que, mesmo que Aluísio Azevedo não tenha previsto esse desfecho, seu romance demonstrou bem esse contexto de intensificação do discurso sanitarista em prol da civilização.

Anderson Galvão (2015), por seu turno, em *A representação do negro no romance O cortiço*, concluiu que a figura das personagens negras no livro não havia sido devidamente analisada pelos diversos trabalhos produzidos nas áreas da História e das Letras, uma vez que, só foram privilegiados os personagens principais, obliterando os secundários. Partiu da premissa de que os personagens ali representados foram observados diretamente por Aluísio Azevedo, demonstrando assim o valor documental que o romance pode exercer na compreensão social do Brasil de fins do século XIX. Considerando os diferentes estudos feitos sobre as visões do negro no Brasil e na literatura, o autor investigou o romance de Aluísio Azevedo, relacionando as caracterizações das personagens presentes na trama às questões ideológicas, às visões científicas e às práticas culturais vigentes no momento de sua produção. Trabalhou as personagens negras e suas trajetórias na trama, recuperando a história de negros e negras que

---

<sup>8</sup> Com relação à criação das primeiras favelas cariocas, a partir da destruição dos cortiços, favor consultar: Lícia do Prado Valladares, *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com* (2005).

viveram no período da abolição, confrontando-a com os assuntos que pautavam as discussões das elites e dos intelectuais do período. Intercruzou os assuntos abordados no romance com notícias de jornais, publicações de cunho científico e pesquisas históricas, evidenciando a ideologia do autor e mostrando que a obra possui papel significativo na veiculação de ideias, sobretudo, racistas. Porém, afirmou que o romance, mesmo estando marcado pelas visões racistas de seu autor, quando lido de modo crítico, traz vários elementos da cultura afro-brasileira, o que pode servir para contribuir no processo de afirmação e conscientização da população negra. Argumentou ainda que Aluísio Azevedo abordou muitos assuntos que estavam em discussão na época, enquanto contava a história de personagens que viviam nos cortiços cariocas, de acordo com a estética *naturalista* – buscando representar fielmente a sociedade brasileira. Em sua perspectiva as ideias *naturalistas* e as teorias raciais presentes no romance cristalizaram o debate sobre miscigenação e identidade nacional travado no Brasil pelos intelectuais que se pautaram por uma suposta visão científica. Prosseguiu afirmando que a instituição escravidão permeia o romance do início ao fim e não é questionada em nenhum momento da trama e que não existe a causa humana no que diz respeito ao futuro dos escravos. Ao entender o romance como um projeto de país, o pioneiro deles, diga-se de passagem, notou que ele não continha o negro como elemento cidadão. Partindo da ideia de Candido de que *O Cortiço* é uma alegoria do Brasil, com sua mistura de raças e nacionalidades, identificou nos destinos e relações entre as personagens um modelo de país. Galvão defendeu que a alegoria, neste caso, tensionou a noção *naturalista* de representação mecânica do mundo. A alegoria é uma ideologia transformada em projeto nacional, não um estado de coisas, e, figura o projeto das elites brasileiras no momento da abolição da escravatura e da proclamação da República. Daí a importância de o romance ter sido publicado no momento de grande ebulição social do país.<sup>9</sup> Por fim, admitiu Galvão que, mesmo caminhando entre a realidade observada e a ficção criada, Aluísio Azevedo valeu-se de diversas correntes ideológicas em circulação para a composição de sua trama, embasando o seu romance em um método experimental, que trouxe a lume a diversidade das populações pretas e mestiças que habitavam o Rio de Janeiro em fins do século XIX. Dessa forma, defendeu o historiador que o destino das populações pretas na trama aluisiana é o desaparecimento, uma vez que, segundo o literato, era o caminho inexorável das populações mais fracas frente o domínio dos mais fortes – brancos.

No mais recente estudo sobre a obra aluisiana, *Entre realidade e ficção: a alimentação*

---

<sup>9</sup> 13 de maio de 1890, biênio da extinção legal da escravidão.

na obra *naturalista* de Aluísio Azevedo, Clarissa Gomes Pesente (2018), utilizando-se dos romances *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), esboçou uma análise das funções literárias que a alimentação exerceu no interior das obras. Dessa forma, explorou as possíveis relações entre o recurso à descrição da alimentação e a estruturação dos elementos narrativos, tais como personagens, eventos, locais e tempo. Concluiu a autora que, em nenhum dos romances analisados, o tema da alimentação serviu apenas para discriminar hábitos ou costumes alimentares, sendo utilizados de forma a adquirir significados e se relacionarem com determinadas concepções sobre o comportamento humano e a vida em sociedade. Partindo de uma análise pormenorizada das obras, a autora estabeleceu um entrecruzamento, onde é possível ver diversas relações entre os significados e os usos que o tema da alimentação assumiu no pensamento e nas produções *naturalistas* de Aluísio Azevedo. Ao demonstrar como a temática da alimentação está relacionada com a “lei natural da luta pela sobrevivência”, a autora reafirmou a presença da concepção da *luta pela existência* no interior das três obras. Afirmou ainda que, quando analisado o tema da alimentação, esse se mostra relacionado unicamente à ideia de manutenção da vida, podendo ser encarado enquanto alegoria social, econômica, política e biológica.

Dessa forma, a recepção do movimento *naturalista* no Brasil esteve diretamente ligada a crítica as antigas instituições e em prol da modernização nacional a partir da superação dos símbolos do atraso. Na produção aluisiana, os preceitos *naturalistas* estiveram estreitamente ligados as suas concepções evolucionistas. A análise da literatura sobre a trajetória de Aluísio Azevedo confirma que a recepção do movimento *naturalista* no Brasil esteve atravessada pela crítica ao “atraso” cultural, social, econômico e político em comparação com os centros civilizados, sobretudo da Europa. Com relação a sua estética, a escrita clara e a construção de diálogos em tom coloquial, mostram que seu objetivo era construir uma narrativa que se aproximasse ao máximo da experiência observada. Com relação ao seu caráter subversivo aos padrões sociais estabelecidos, são necessárias algumas matizações, ou seja, mesmo que demonstre uma ácida crítica às instituições de poder (Império e a Igreja católica) e aos modos de produção econômica (escravidão), sua visão de mundo está atravessada pelos valores estrangeiros, sobretudo francês. Porém, estas afirmações não apagam sua originalidade e seu papel de contestador do *status quo* vigente em seu período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o Naturalismo foi um amplo movimento intelectual que marcou presença nas artes, na política e nas ciências naturais e sociais. O precursor desse movimento na literatura nacional foi o maranhense Aluísio Azevedo que a partir de suas narrativas buscou retratar a realidade do povo brasileiro, sobretudo a vida cotidiana dos grupos marginalizados e explorados. Suas contribuições sofreram desde o início severas críticas, tanto por parte dos intelectuais ligados ao campo da crítica literária que viam em suas obras reminiscências do movimento romântico-burguês bem como por parte dos membros do clero provincianos. O literato foi um dos mais ferrenhos críticos aos valores sociais e culturais do Brasil de seu tempo. O próprio movimento *naturalista* via-se e era visto como uma contestação ao modelo romântico burguês de arte e as mazelas sociais inauguradas pelo modelo industrial de produção.

No caso do Brasil, o movimento *naturalista* esteve indelevelmente marcado pelas concepções científicas do evolucionismo – principal revolução paradigmática ocorrida na filosofia ocidental. São inegáveis que as concepções *evolucionistas* se encontram presentes em boa parte dos trabalhos de Aluísio Azevedo, especialmente, em suas produções literárias e jornalísticas. A própria noção de *luta pela existência* ganhou importante relevo no campo intelectual brasileiro em fins do século XIX. Entre os anos de 1870 e 1890 assistimos à intensificação desse processo, sobretudo, envolvendo intelectuais ligados à discussão dos valores estéticos e sociais da literatura e das transformações sociais pelas quais passavam o Brasil. A literatura foi encarada entre os intelectuais brasileiros de fins do século XIX como campo de disputa – arena onde disputava a “velha” religião e a “nova” ciência.

*O cortiço* (1890), por exemplo, é um romance social, símbolo máximo do Naturalismo literário brasileiro e por sua vez, está indelevelmente marcado pela estética e pela metodologia de exposição proposta pelo modelo francês de Émile Zola. Nota-se a partir da análise da obra a tentativa de criação de um panorama complexo e multifacetado da vida cotidiana dos moradores da cidade do Rio de Janeiro – principal centro político, econômico, social e cultural do Brasil de fins do século XIX. Dessa forma, a recepção do Naturalismo literário brasileiro esteve ligada ao questionamento do *status quo* dos diligentes do poder ao mesmo tempo em que expunha as más condições de vida da maior parcela dos habitantes do país, em especial, das poucas grandes cidades espalhadas pelo território em fins do século XIX, sendo Aluísio Azevedo uma das principais vozes desse movimento. Como intelectual, o modelo de país previa superação do “atraso”. Esse mesmo clamor ainda ecoa nos dias de hoje entre nossos intelectuais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento – a Geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 1ª ed. São Luís: O pensador, 1881.

\_\_\_\_\_. **O mulato**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1890.

BAHIA, Ryanne. **Quando a pobreza toma corpo: análise sociológica de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo**. v. 9. n. 1. São Paulo: Baleia na rede, 2012.

BARBOSA, Monica da Silva. **O Naturalismo em *O cortiço* de Aluísio Azevedo e *Maggie de Stephen Crane***. Dissertação (Mestrado em Letras). Curitiba: UFPR, 1981.

BEZERRA, Vinícius Pereira. **FRONTEIRAS DO ERÓTICO: ensaio sobre a correlação entre espaço e erotismo n' *O cortiço* de Aluísio Azevedo**. Dissertação (Mestrado em História Social). São Luís: UFMA, 2012.

CANDIDO, Antônio. **A passagem dos dois aos três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária)**. São Paulo: USP, 1991.

\_\_\_\_\_. **De cortiço a cortiço**. São Paulo: Revista de História, nº 100, 1974.

\_\_\_\_\_. **A formação da Literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHAPSKI, Rita. **Revisitação do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo: da estética naturalista à estética tropicalista**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: PUC-SP, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial / Sidney Chalhoub**. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DOMINGUÊS, Heloisa; SÁ, Magali; GLICK, Thomas (org.). **A recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

FERREIRA, Robson Soares. **Representação histórico-literária da formação social e familiar na obra *O cortiço***. Dissertação (Mestrado em Letras). Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2004.

GALVÃO, Anderson. **A representação do negro no romance *O cortiço***. Dissertação (Mestrado em História Social). Fortaleza: UFC, 2015.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus (1870-1915)**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

JODAS, Amanda Servidoni. **Nas entrelinhas do “cortiço”**: moralidade e (des)ordem pública em Aluísio Azevedo. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: UNICAMP, 2016.

MATTOS, Renato Salles. **Relações de gênero intermediando a ascensão social do português no Brasil a partir de *O cortiço* (1890)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2014.

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris – Brasil: Brasília: INL, 1988.

MONTELLO, Josué. **Aluísio Azevedo e a polêmica *D’O mulato***. São Paulo: José Olympio, 1975.

MONTE, Ana Catarina Ruivo Remédios do. **O Naturalismo em *L’assommoir*, de Émile Zola e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo**. Faro: Universidade do Algarve, 2012, p. 68; 78-70.

NASCIMENTO, Paulo de Oliveira. **Homossexualidade em *O cortiço***: o Naturalismo e as patologias sociais. Campinas: UNICAP, 2010.

PESENTE, Clarissa. **Entre realidade e ficção**: a alimentação na obra naturalista de Aluísio Azevedo. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: UFF, 2018.

ROCHA, Francisca Solange Mendes da. **As relações familiares e a esfera da intimidade em *O cortiço* de Aluísio Azevedo**. Dissertação (Mestrado em Letras). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANT’ANA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 97-115.

SANTOS, Daniele. **Estudo de um projeto de nação para o Brasil de fins do século XIX a partir da leitura dos romances de Aluísio Azevedo**. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. **O Brasil na Internacional Naturalista**: adequação da estética, do método e da temática naturalista no romance brasileiro do século 19. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: USP, 2012.

SCHIFFNER, Tiago Lopes. **O sol foi sequestrado e a rua restou na sombra**: mentalidade, trabalho e ascensão social em *O cortiço*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2014.

TADDEI, Angela Maria Soares Mendes. **Um & outras**: memória social da maternidade em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Rio de

Janeiro: UNIRIO, 2007.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: História cultural e polemicas literárias no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1991.

*Recebido: 21/05/2019*  
*Aprovado: 18/11/2019*